

O LEGADO DE BOURDIEU NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIOLOGIA CRÍTICA (1930-2002)¹

IRLYS ALENCAR FIRMO BARREIRA*

Doutora em Sociologia, professora Titular do
Departamento de Ciências Sociais da Universidade
Federal do Ceará.

Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, UFC, do qual venho sendo professora há vários anos.

Interpelada por colegas e alunos, sobre quais seriam as contribuições de Bourdieu para o pensamento sociológico contemporâneo, dou-me conta da multiplicidade de respostas possíveis. Sobre tudo após a sua morte, o pensamento do autor consolida-se, deixando de ser a “obra em construção”. Assemelha-se, desse modo, ao que acontece com os sistemas teóricos relevantes de interpretação da vida social: torna-se alvo permanente de discussão. É notório ressaltar a edição de livros, artigos e revistas, no período imediato que se segue à morte do pensador francês, em vários países, principalmente na Europa. No Brasil, a tradução dos livros de Bourdieu, cada vez mais intensificada, nos últimos anos, contribui para ampliar as já calorosas discussões feitas por seguidores, críticos ou intérpretes. Esse é, de fato, o destino dos grandes sistemas de pensamento: superar o lado contingente de sua criação, transformando o conjunto das publicações em patrimônio.

Gostaria de iniciar a discussão sobre o legado deste autor, que se tornou uma espécie de “clássico contemporâneo”, tomando como foco a influência de autores clássicos na sua interpretação sobre o funcionamento do mundo social e ao papel da sociologia como ciência da crítica e desvendamento das formas de dominação.

No contexto dessa rápida discussão, que visa sobretudo render tributo à memória de Bourdieu, corro o risco da simplificação, justificado pelo desafio de registrar na escrita o que tem sido difundido oralmente, através de aulas ministradas no curso de teoria sociológica II, do

Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, UFC, do qual venho sendo professora há vários anos.

Em primeiro lugar, considero que uma das pretensões teóricas do autor foi a de superar a divisão entre indivíduo e sociedade, verificando de que modo o social é incorporado em experiências cotidianas (*habitus*) e cristalizado em práticas e relações entre diferentes agentes sociais (campos). Muitos são os trabalhos de Bourdieu que dão sentido a essas formulações aplicadas à moda, à linguagem, à religião, à arte etc. Bourdieu tornou-se uma espécie de herdeiro dos “clássicos”, preocupado não só com o desenvolvimento da pesquisa, mas também com a renovação da teoria sociológica, retomando temas já percorridos pelos fundadores do arcabouço sociológico. Foram questões fundamentais para o embasamento de sua teoria: Como a sociedade se reproduz, mantendo formas de consenso e conflito? Como os indivíduos interagem no espaço social? Tais indagações, geradoras de pesquisas fundamentadas no exame de contextos etnográficos, foram também relevantes para a construção da teoria sociológica clássica.

Como Durkheim, por exemplo, Bourdieu acreditava na possibilidade do conhecimento científico do mundo social, composto de regras passíveis de serem submetidas ao conhecimento científico. Enquanto racionalista, Bourdieu atribuía à sociologia o papel de elucidar e pensar os enigmas da vida em sociedade, supondo que ela teria uma lógica e uma estrutura factíveis à construção de modelos teóricos.

A construção da interpretação implicava, por sua vez, a obrigação da teoria ter que se referendar na pesquisa empírica. Nenhum arcabouço explicativo deveria, nesse sentido, contrapor-se à análise acurada dos acontecimentos não aleatórios, evidentemente, porque submetidos às regras do mundo social. Uma teoria crítica da ação evitaria tanto a percepção de que ela é produzida pela inteira vontade dos agentes, como a visão de que ela seria efeito direto da estrutura social. A prática dos agentes sociais ocorreria, exatamente, nesse ir-e-vir de escolhas, efetivadas dentro de um campo delimitado de possibilidades e chances desiguais de alcance de objetivos. Discursos e práticas sociais, por conseguinte, teriam diferenças de reconhecimento, tendo em vista a posição dos agentes portadores de formas diferenciadas de capital social.

As ações efetivam-se, assim, face a um conjunto de possibilidades, mediadas por limites, constrangimentos sociais e regras a serem seguidas: são as restrições de classe, de profissão e outros interditos que permeiam diferentes campos, criando linhas demarcatórias de inclusão e exclusão.

A perspectiva de Bourdieu, sobre as posições do mundo social, aproxima-se da de Durkheim, quando este fala, por exemplo, que nós nascemos em um contexto construído, permeado por uma linguagem incorporada aos fatos sociais. Refutando a teoria do consenso, que permeia a reflexão de Durkheim, Bourdieu considerava a sociedade para além de um somatório das ações individuais, supondo que os indivíduos incorporam às suas representações, visões de mundo e princípios de divisão desse mundo. A vigência de tais princípios representa um fundamento que se contrapõe à concepção ingênua segundo a qual o mundo social funciona através de escolhas livres, possíveis de serem realizadas segundo a vontade de agentes sociais.

O mundo simbólico não é, nesse sentido, apenas espaço das regras compartilhadas, ex-

pressando também diferenças de poder. Os símbolos em disputa não serviriam somente para tornar o mundo conhecido, contribuindo também para reconstruí-lo e dividi-lo, criando hierarquias e sistemas de classificação tais como esquerda e direita, homem e mulher, alto e baixo etc. O desenvolvimento dessas reflexões fundamentou-se, principalmente, em trabalhos de pesquisas realizadas pelo autor na Argélia, que apontavam a presença de modos de vida tradicionais fundamentados em formas de representação simbólica. As concepções de tempo, espaço e os jogos de honra na sociedade Kabyle apresentavam a passagem das formas coloniais de dominação à economia de mercado.

A influência de Marx no pensamento de Bourdieu é também evidente, sinalizando continuidades e rupturas. Bourdieu parte de uma referência semelhante à de Marx, segundo a qual a sociedade é um espaço de conflitos, concebendo de forma mais precisa a existência de um campo de lutas e de forças, materializado em grupos concretos, que não podem ser vistos como “classes no papel”. Essas forças sociais podem tanto construir a reprodução como a mudança, não havendo determinismo prévio. O conjunto de relações de forças sociais passa por uma diferenciação de classe, mas a ela não se restringe. Bourdieu não percebe as hierarquias apenas a partir da condição ou lugar de classe, sendo também priorizadas as diferenças de prestígio, de honra e de cultura, além de outros atributos capazes de sinalizar múltiplas posições sociais. O capital é também uma atribuição simbólica, reconhecido por uma determinada coletividade, fazendo com que essa entidade abstrata, denominada sociedade seja um espaço social, de fato constituído por distinções econômicas, políticas e sociais.

Os conflitos e lutas em torno de diferentes posições sociais seriam inerentes a esse espaço social. A noção de conflito em Bourdieu, com clara inspiração weberiana, é mais ampla que a teorização marxista, estando mediada por diferentes grupos, classes e agentes que fazem

Seguindo a tradição weberiana, acreditava na vocação científica e acadêmica, desconfiando dos conceitos fáceis ou da “sociologia midiática” porque sabia do poder das palavras na legitimação de verdades e consagração de autoridades. Vi Bourdieu pela última vez há três anos, proferindo conferência na Sorbone, sobre a arte, na qual descrevia a ruptura simbólica da escola impressionista através de detalhes de um quadro de Manet. Naquele momento, Bourdieu transmitia também a arte de pesquisar. O modo

como dispomos nossos pincéis e desenhamos com erros e acertos a nossa complexa vida social.

NOTA

¹ O presente artigo foi originalmente publicado em 2/2/2002, no jornal *O Povo*, Fundação Demócrito Rocha, Fortaleza-CE. Esta é uma versão ampliada, acrescida de reflexões elaboradas em sala de aula durante cursos de teoria sociológica II ministrados no Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFC.